

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO ÂMBITO ESCOLAR: CRIANÇAS DE 4 A 7 ANOS.

Vera Lucia Lins Sant'Anna¹

Amanda Silva de Almeida²

Juliana Leandra Silveira Elias³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma abordagem da afetividade na relação professor/aluno dentro da escola, sua contribuição e importância firmada na responsabilidade dos educadores em contribuir na formação do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. São ressaltadas algumas práticas do cotidiano escolar que propiciam maior envolvimento professor/aluno e maior visibilidade da relação afetiva de ambos. É reafirmada assim a importância de tal temática no âmbito escolar, entendendo que a afetividade permeia por todos os momentos do processo escolar, não estando separada ou sendo pontualmente trabalhada em um momento definido. Nesse sentido, tivemos como aportes teóricos os estudos de Arantes e Pestalozzi - que incorporou o afeto à sala de aula, os pressupostos de Vygostsky sobre o papel da afetividade no processo de construção cultural da significação, de Piaget sobre as relações entre inteligência e afetividade no decorrer das distintas etapas de desenvolvimento humano e, por fim, em Wallon no afeto ligado ao desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor/aluno. Escola. Cognição.

1 INTRODUÇÃO

A palavra afeto vem do latim "affectur" (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. A afetividade, portanto, deve ser considerada de suma importância na vida humana e, no âmbito escolar, pode render pontos positivos de crescimento emocional e cognitivo nos educandos a partir da relação diária professor/aluno.

A afetividade, nesse contexto, é o fio condutor, o elemento que auxilia e embasa o desenvolvimento total da criança dentro do trabalho desenvolvido pelo profissional da educação, pois, embasado em Pestalozzi, acredita-se que o desenvolvimento completo do ser humano é dado de dentro para fora através da afetividade.

¹ Doutora em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Educação (Mackenzie-SP), Professora do Curso de Pedagogia e pesquisadora da PUC Minas. (verasantanna@hotmail.com)

² Pedagoga (PUC Minas). Professora na Educação Infantil (jusilveiraelias@gmail.com)

³ Pedagoga (PUC Minas). Professora na Educação Infantil (amandasa88@gmail.com)

2 A AFETIVIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, intelectual e social, complementando a ação da sociedade.

É comum, ainda hoje, no âmbito escolar, o uso de uma concepção teórica que leva os educadores a dividirem a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Esse dualismo é um dos maiores mitos presentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. A crença nessa oposição faz com que se considere o pensamento calculista, frio e desprovido de sentimentos, apropriado para a instrução das matérias escolares clássicas.

Para a mentalidade contemporânea, amor talvez não seja a primeira palavra que venha à cabeça quando se fala em ciência, método ou teoria. Mas o afeto teve papel central na obra de pensadores que lançaram os fundamentos da pedagogia moderna, destaque para o suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827).

A escola idealizada por Pestalozzi deveria ser não só uma extensão do lar como inspirar-se no ambiente familiar, para oferecer uma atmosfera de segurança e afeto. A função principal do ensino é levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas. Segundo ele, “o amor deflagra o processo de autoeducação”, diz Dora Incontri (1997), uma das poucas estudiosas de Pestalozzi no Brasil.

Na concepção de Pestalozzi, a criança é um ser puro, bom em sua essência e possuidor de uma natureza divina que deve ser cultivada e descoberta para atingir a plenitude. Esse autor costumava comparar o ofício do professor ao do jardineiro, que deve providenciar as melhores condições externas para que as plantas seguissem seu desenvolvimento natural. Ele gostava de lembrar que a semente traz em si o *projeto* da árvore toda (ARCE, 2002).

Para o pensador suíço, um dos cuidados principais do professor deveria ser respeitar os estágios de desenvolvimento pelos quais a criança passa. Segundo ele, os sentimentos tinham o poder de despertar o processo de aprendizagem autônoma na criança. (INCONTRI, 1997).

Ainda, segundo Incontri (1997), dar atenção à sua evolução, às suas aptidões e necessidades, de acordo com as diferentes idades, era, para Pestalozzi, parte de uma missão maior do educador, a de saber ler e imitar a natureza – em que o método pedagógico deveria se inspirar. Mas é necessário esclarecer ainda outra característica do amor ao qual Pestalozzi se refere. É um amor incondicional, que não leva em conta os méritos do estudante, mas também não é um amor cego e permissivo. Ele fala de um amor iluminado e reflexivo, que

estimula as aptidões e que disciplina o comportamento rumo ao desenvolvimento máximo das potencialidades.

Segundo Piaget (2001), os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis, não há ação sem motivação e não há motivação sem ação, sendo que a ação depende de estruturas cognitivas e a motivação depende de todas as ligações anteriores vindas de sentimentos positivos ou negativos. É certo dizer que as emoções fazem parte dos seres humanos, por mais "evoluída" que seja a sociedade. Todo aprendizado transita por inúmeros sentimentos, como medo, ansiedade, curiosidade, insegurança, alegria, satisfação, realização etc. A criança necessita estar preparada para experimentar tais emoções, pois é diante destas que apresentará resultados no seu desenvolvimento holístico.

Mais que isso, Piaget diz que a construção do comportamento apresenta ambos os aspectos: o afetivo e o cognitivo. Não há comportamento afetivo puro, como não há comportamento cognitivo puro. A criança que "gosta" de matemática faz rápidos progressos. A criança que "não gosta" não faz rápidos progressos. Em cada caso, o comportamento é influenciado pela afetividade. (WADSWORTH, 1996).

Andrade (2006), baseada em Wallon, entende que as emoções em geral, são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos módulos tradicionais de ensino. A emoção é altamente orgânica, altera a respiração e os batimentos cardíacos, causa impacto no outro e tende a propagar-se no meio social.

Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês, reconhecendo na vida orgânica as raízes da emoção, nos trouxe, também, contribuições significativas acerca da temática. Para ele, a evolução afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que difere sobremaneira entre uma criança e um adulto, supondo-se, a partir disso, que há uma incorporação de construções de inteligência por ela, seguindo a tendência que possui para racionalizar-se. (Nova Escola, 2008).

Observamos, portanto, a inigualável importância dos aspectos afetivos para o desenvolvimento psicológico; é por meio das emoções que o aluno exterioriza seus desejos e vontades. "A afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano". (ANDRADE, 2006, p. 13).

Segundo Silva (2007), para Wallon (1999) a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois o homem, logo que deixou de ser puramente orgânico, passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional. Nesse sentido, a afetividade e a inteligência se misturam, havendo

o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas.

Conforme as ideias de Wallon apud Andrade (2006), “a escola infelizmente insiste em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa”. (ANDRADE, 2006, p. 13).

Para Andrade, “falar de afetividade na relação professor/aluno é falar de emoções, disciplina, postura do conflito do eu e do outro.” (ANDRADE, 2006, p. 13), porque é algo que é permanente e real na vida da criança, independente do ambiente que esteja, pois essa questão é frequente.

Segundo Heloísa Dantas (1992), a dimensão afetiva, portanto, é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da construção da pessoa seja do ponto de vista do conhecimento, sendo marcante para o desenvolvimento da espécie humana, que se manifesta a partir do nascimento e se estende ao longo dos anos de vida de uma criança. O fato é que estamos no século XXI e o uso técnico especializado do dualismo razão e emoção segue vivendo sob o prisma do dualismo cognição e afetividade. No entanto, parecem surgir luzes no fim do túnel.

Valéria Amorim Arantes, organizadora do livro “Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas” (2003), articula com diversos autores que avançam em estudos na defesa da proposta de uma educação que rompa com as fronteiras entre o científico e o cotidiano, indicando a metodologia de resolução de conflitos como estratégia possível de humanização do conhecimento.

Entende-se, então, apoiada nos estudos de Andrade (2006), que, para isso, “o estudo da criança exigiria o estudo do ou dos meios onde ela se desenvolve”, sabendo que “o papel da afetividade no processo de mediação do professor direciona o olhar para a relação professor/aluno. Entretanto é possível supor que a afetividade também se expressa sob outras dimensões humanas.” (ANDRADE, 2006, p. 13).

Ainda segundo Andrade (2006, p. 14) baseada nos pensamentos de Wallon, nessa perspectiva “a sociedade intervêm no desenvolvimento psíquico da criança através de suas repetidas experiências e das dificuldades para ultrapassá-las, já que a criança, diferentemente de outros seres vivos, depende por muito tempo de seus semelhantes ‘adulto’”. Reafirmando, Cláudia Davis e Zilma de Oliveira, em seus estudos, retratam que

A presença do adulto dá à criança condições de segurança física e emocional que a levam a explorar mais o ambiente e, portanto, a aprender. Por outro lado, a interação humana envolve também a afetividade e a emoção como elemento básico. (DAVIS; OLIVEIRA, 1992, p.83-84).

Essa manifestação biológica é explicada por Andrade com suporte nas teorias de Wallon, retratando que

Uma criança “normal,” quando já está se relacionando afetivamente bem com o seu meio ambiente, principalmente com a mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja normal. É comum acontecerem reviravoltas nas condutas da criança e nas suas relações com o meio, o qual é de suma importância para a existência da criança. O autor acredita haver esta reviravolta desde o período fetal, prolongando-se além do nascimento. Aos três anos escolares iniciam-se os conflitos interpessoais, onde a criança opõe-se a tudo que julga diferente dela. (ANDRADE, 2006, p. 14).

Fica-nos a reflexão de Moreno, Sastre, Leal e Basquets (2003, p. 46) ao ressaltarem que a desorganização da vida afetiva pessoal e o desconhecimento das suas interpretações e respostas diante das manifestações emotivas das demais pessoas abandonam o aluno à deriva do ambiente que o cerca e no qual existem inúmeras referências de respostas violentas, desequilibradas e ineficientes mediante os conflitos interpessoais que corriqueiramente se apresentam na convivência social.

Assim, percebe-se que, na vivência escolar, a forma de expressar da criança vai corresponder a alguns princípios assegurados nas fases posteriores, tal como descritas por Wallon. Esses princípios são vitais para evitar crises árduas pelas quais o processo de maturação da criança e o seu eu psicológico podem passar. É na escola que a criança começa a criar autonomia em relação à vida familiar; nesse processo é indispensável à disciplina, uma disciplina de ordem maternal. (ANDRADE, 2006).

Para Andrade, é imprescindível que a escola, no papel do professor, compreenda o aluno e seu universo sociocultural. O conhecimento desse universo é de sublime importância para o seu trabalho de atuação no plano universal, cultural e pessoal. Rangel citado por Andrade, nos leva a pensar que

[...] a escola deve se ocupar com seriedade com a questão do “saber,” do “conhecimento”. Se um professor for competente, ele, através de seu compromisso de educar para o conhecimento, contribuirá com a formação da pessoa, podendo inclusive contribuir para a superação de desajustes emocionais. (RANGEL apud ANDRADE, 2006, p. 14).

Sendo assim, nas práticas educativas na escola, devem perpassar as relações de afeto e solidariedade, proporcionando situações que deem prazer ao aducando de construir conhecimentos e de crescimento coletivo.

3 CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS QUE NORTEIAM O TRABALHO PROFESSOR/ALUNO EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE.

O educador precisa estar sempre atento ao nível de entendimento e desenvolvimento de seus alunos. Para se organizar de forma a sanar dúvidas e suprir o que realmente o aluno deve compreender, o educador precisa ser claro, antecipar suas aulas, estar pronto para colaborar e entender o que pede o aluno naquele momento.

Mas, para que isso ocorra de maneira progressiva e sistemática, é de essencial importância a utilização do planejamento em sua rotina.

Conforme Sonia Kramer (1991, p. 91-92), citada por Andrade (2006, p. 32), define em seus estudos

O planejamento, por sua vez, contém as estratégias, as situações e as atividades que serão feitas no dia a dia. Os recursos didáticos (jogos, livros de histórias, materiais de sucata, técnicas de artes, papéis, giz, quadro etc.) são essenciais no ensino/aprendizagem, sabendo usá-los adequadamente.

Não é só planejar e executar, o sucesso para que as atividades sejam absorvidas e contemplem o desejado pelo educador depende da iniciação ou interferência no momento certo. Esse momento, o educador verificará de acordo com o perfil de seus educandos, por meio da convivência e da observação diária. Essa observação deverá ser de forma sensível, para render boas possibilidades de intervenção do educador.

Pensando em melhorias e ajuda no relacionamento educador/educando, selecionamos sete atividades que, possivelmente, favorecerão o desencadear da afetividade nessa importante relação diária.

3.1 A Rodinha Diária: a importância da manifestação dos sentimentos

Nesse espaço em que as crianças formam um círculo de convivência, pode-se trabalhar com diferentes atividades que aproximarão as crianças ao educador e aluno/aluno ao conhecimento de si e dos outros, por meio de conversas diversas, num momento visto como “informal”, que poderá ser utilizado para exposição de regras de jogos e brincadeiras, de

rotinas diárias e combinados, de musicalização, de contação de histórias, dentre outros. É possível desenvolver o afeto e a criatividade nesse espaço, que deverá ser diário para que traga melhores resultados. Segundo afirma Mosquera,

A pessoa vive e age numa realidade circundante, o seu meio social e a natureza, onde conhece o mundo que a rodeia, em especial as pessoas, e estabelece suas relações sociais. No processo de sua atividade e relação com os outros, desenvolve e experimenta sua afetividade. (MOSQUERA, 2006, p. 128).

Em outras palavras, a criança, ao se expressar, age com os sentimentos e suas cognições. Sendo assim, “a afetividade está organicamente vinculada ao processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano, no complexo meio social que o rodeia”. (MOSQUERA, 2006, p. 129).

Figura 1 - Rodinha diária



Fonte: COSMIRO, 2010.

Figura 2 - Roda de Pescaria (regras do jogo)



Fonte: Colégio Mater Dei, 2010.

3.2 Roda das Emoções

Ainda dentro da rodinha, o educador poderá explorar diversas atividades para conhecer melhor os sentimentos de seus educandos. Ele pode sugerir que seus alunos desenhem ou mostrem um objeto já apresentado a todos para demonstrar como ele está se sentindo naquele dia. Exemplo: desenho, almofadas com expressões faciais, uso de *smilles* com carinhas (triste, chorando, feliz, confuso, com raiva, desanimado, animado etc.). Outra ideia é deixar que o aluno fique diante do espelho e faça a feição que mais lhe representa. Logo após, incentivar que falem a respeito de suas emoções a todos na rodinha. Em seus estudos, Mosquera e Stobäus afirmam que “O sentimento é um espelho da realidade na qual se manifesta uma atitude subjetiva do indivíduo, fundamentada em sua atividade fisiológica cerebral, inicialmente interna, depois no seu comportamento manifesto socialmente.” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006, p. 128).

Desse modo, a criança se sentirá importante, admirada e querida, quando percebe ser ouvida por todos, puder falar ou somente apontar o rostinho da figura que lhe representa naquele momento. Sob essa ótica, Pinto (2004, p. 76) nos mostra que “a afetividade pode ser percebida como uma porção de estados de ânimo e englobando uma organização viva de conteúdos psicológicos, como a tristeza, o amor, a paixão, a inveja, a desesperança e outros mais.”

Figura 3 - Almofada dos sentimentos



Fonte: Colégio magno Mágico de Oz, 2010.

Figura 4 - Desenho expressivo



Fonte: Peripécia de alunos, 2009.

3.3 Culinária: Colocando a mão na massa

Este experimento pode render muita criatividade e aprendizado. Para as crianças, cozinhar é algo totalmente diferente, “proibido”, pois, veem só os adultos fazê-lo. Cozinhar pode desenvolver a cooperação, a espera, a divisão de tarefas entre todos os participantes e gerar uma melhor integração aluno/aluno e educador, o que faz com que suas trocas sejam agradáveis e proveitosas. Além, é claro, de se sentir útil, essa atividade mexe com vários sentimentos das crianças, como orgulho, valorização e descoberta, colaborando com sua maturidade. No final da aula de culinária, os alunos terão o prazer de experimentar algo feito por eles, aguçando seu paladar para novas experimentações e sabores.

Um dia antes da aula, o educador pode ler a receita do que será preparado e pedir para que cada aluno traga um ingrediente de casa, aprimorando o conhecimento do aluno a respeito daquele item em especial. Isso fará com que o aluno se sinta mais envolvido e participativo, ajudando-o a um melhor aproveitamento da aula de culinária.

Durante o preparo da receita, o educador pode utilizá-la também para a introdução da matemática, contando e medindo junto com os alunos, e para apresentar benefícios e vitaminas contidos em cada ingrediente.

Figura 5 - Culinária.



Fonte: Colégio Politec, 2008.

Figura 6 - Experimentando novos sabores.



Fonte: Colégio Sagrado, 2009.

3.4 O Lúdico e o Jogo - parceiros inseparáveis

Para Vygotsky citado por Dias, Oliveira e Roazzi (2003), o prazer não pode ser considerado a característica definidora do brinquedo, como muitos pensam. O brinquedo, na verdade, preenche necessidades, entendendo-se essas necessidades como motivos que impõem a criança à ação. São exatamente essas necessidades que fazem a criança avançar em seu desenvolvimento.

Figura 8 - Fantasias Super Herói



Fonte: Colégio Santa Teresinha de Jesus, 2010.

Agindo sobre os objetos, as crianças, desde pequenas, estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e, finalmente, à

lógica. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos como emocionais.

3.5 Contação de histórias - uso da afetividade e da criatividade

Através das histórias ouvidas, as crianças podem desenvolver diversos aprendizados, como a linguagem oral e escrita, estimular e aguçar a criatividade, observar e conhecer as pessoas e as coisas do ambiente em que se encontram, dentre outros. Como nos apontam Mosquera e Stobäus (2006, p. 132), “é muito importante percebermos que uma educação da afetividade deve partir de uma visão saudável, o mais positiva possível da vida, sem abandonar o sentido de realismo que devemos possuir para tornar concretos sonhos, imaginações e fantasias”.

Sendo assim, a afetividade deverá estar presente durante toda a contação de histórias, por meio de gestos, entonação da voz teatralizada, olhares e expressões faciais do educador/contador para o ouvinte. Durante esse processo, a criança poderá se sentir leve e imaginativa, principalmente se o contador utilizar-se da criatividade e da ludicidade.

Figura 9 - Hora do conto



Fonte: CEI Romualdo Galvão, 2008.

Figura 10 - Teatro



Fonte: Colégio Magno, 2010.

Segundo Cury, contar histórias também é psicoterapêutico. Sabe qual a melhor maneira de resolver conflitos em sala de aula? Não é dar gritos, ou fazer sermão. Esses métodos são usados desde a idade da pedra, sem resultados. “Contar histórias fisga o pensamento, estimula a análise. Eles poderão esquecer-se de suas críticas e regras, mas das histórias não” (CURY, 2003, p. 134).

E, para que seja realmente inesquecível, a história terá que interessar e agradar o educando. Para isso, é preciso que o educador conheça a história, lendo-a antecipadamente, verificando se está de acordo com o grau de entendimento etário de seus alunos.

3.6 O Faz-de-Conta - asas ao imaginário

Durante esse momento de ilimitada imaginação, o educador pode sugerir alguma brincadeira ou apenas entrar na brincadeira já iniciada pelas crianças. Podem-se usar brinquedos, objetos reais (copo, colher, roupa, embalagens, fantasias, fantoches) e outros meios que ajudarão as crianças a expressarem sua criatividade.

Segundo Vygotsky, o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança. É por meio do jogo que a criança aprende a agir. Sua curiosidade é estimulada, ela adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona-se o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração (VYGOTSKY, 1989, p. 168).

Nesses momentos de pura interação, a criança aprende imitando, reproduzindo algum momento que lhe apresentou importância, emoção ou significação.

Figura 11 - Brinquedos que se tornam reais



Fonte: EMEI Passarinho Dourado, 2010.

Figura 12 - Construção da Criatividade



Fonte: Colégio São Miguel, 2009.

Os jogos, como expõe Leal et al. (2003), também são conhecidos como jogo imaginativo, faz-de-conta, de papéis, simbólico ou jogo dramático. Segundo ela, a ênfase é dada à simulação ou ao faz-de-conta, cujo principal benefício é promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social da criança.

O professor usará os conhecimentos prévios da turma para explorar todo tipo de emoção nas crianças, um tempo de diversão, ludicidade e afetividade.

3.6 A música: o som da emoção

Ao mesmo tempo em que a música possibilita uma diversidade de estímulos, ela, por seu caráter relaxante, pode estimular a absorção de informações, isto é, a aprendizagem.

Ainda abordando os efeitos da música no campo afetivo, “A música alivia a ansiedade, melhora a concentração, desenvolve o prazer em aprender, educa a emoção” (CURY, 2003, p. 120).

A música pode ser trabalhada em rodas diárias, para dançar, como desafios de acordo com o ensino da matéria (inventar uma música para apresentar uma nova conta matemática), para descansar antes ou após uma atividade avaliativa, ou somente ser ouvida como meio de aprendizado, diversão, comunicação ou relaxamento. Experimente o efeito da música ambiente na sala de aula.

Figura 13 - Educação musical



Fonte: Colégio Marista, 2009.

Figura 14 - Música em grupo



Fonte: GOES, 2009.

As atividades, então, se mostram como uma grande ferramenta na construção de possibilidades e norteamo do trabalho do professor em relação à afetividade e sua ligação direta com o desenvolvimento cognitivo da criança. Mosquera e Stobäus afirmam que “a conexão entre os sentimentos e o processo cognitivo propicia à pessoa uma vida de grande sensibilidade, que pode ser cada vez mais apreciada, na medida em que cada um desenvolve a sua capacidade afetiva e suas potencialidades diferenciais”. (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006, p. 129).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos nessa pesquisa que o afeto é um dos sentimentos fundamentais presentes na existência humana, e demonstrações de afeto no âmbito escolar contribuirão para que os educandos se sintam mais completos, respeitados e, principalmente, queridos, o que, naturalmente, gerará segurança e maior credibilidade em seus potenciais. Com a positividade gerada num ambiente afetivo e respeitoso, as dificuldades rotineiras enfrentadas nesse âmbito

de aprendizado se tornarão mais fáceis e agradáveis de serem resolvidas, tanto para o aluno quanto para o educador.

Como educadores, temos um belo papel a cumprir junto à comunidade escolar, propagando e despertando cada vez mais o interesse do aluno como sujeito capaz de construir e de crescer, capacitando-o para melhor amadurecer e saber lidar com os outros com os mesmos sentimentos que lhe foram passados. Podemos habilitar seres humanos melhores, polivalentes, tendo como base o afeto recebido em sua formação, não fazendo do espaço escolar um local só de repreensões, exigências, autoritarismo e punições, mas sim um local de interatividade, compartilhamento, contentamento e, principalmente, de respeito e afeto ao próximo.

Entendemos, ainda, que é necessário que as instituições formadoras de educadores abordem de forma mais pontual e enfática essa temática, pois educadores são construtores de vidas, e vidas saudáveis são vidas estruturadas, emocionalmente embasadas. Para além do enfoque na construção do desenvolvimento cognitivo, é papel do educador atrelar esse desenvolvimento ao desenvolvimento afetivo, sendo um mediador, facilitador e, porque não dizer, um professor dos assuntos do coração em relação à aprendizagem.

Podemos também salientar que todos, em diferentes momentos, podemos ser “alunos e professores”, o que nos possibilita rever nossas práticas de tratamento, em que a resposta tanto verbal quanto gestual seja mais positiva e menos carregada de autoritarismo e negatividade. Entendemos que o ser humano deve ser contemplado em sua totalidade, levando-se em consideração suas emoções e sentimentos no seu desenvolvimento cognitivo de forma interligada. Dessa forma, os sentimentos positivos carregados de valores éticos podem, pelo trato afetivo, propiciar a reestruturação de um ambiente escolar melhor e uma educação mais positiva e humanizada.

Tendo em vista essa abordagem, sem pretensão de esgotá-la, os educadores precisam entender que, com a afetividade, ao invés de construírem uma educação com alicerces rígidos e frios, os seres humanos passam a se sentir mais leves, criativos e flexíveis, e, com tal leveza, podem alçar voos muito mais altos e fascinantes, em busca do conhecimento e de novos prazeres.

Abstract

This article aims at addressing the affective relationship between teacher and student in the school, its contribution and importance in firming responsibility of educators to contribute to

the formation of emotional and cognitive development of children. It highlighted some of the daily school practices that provide greater involvement pupil / teacher ratio and increased visibility of both affective. It is thus reaffirmed the importance of this subject in the school understand that affection permeates every moment of the school process, or not being separated and occasionally worked at one time had set. This sense as theoretical support studies Arantes, Pestalozzi, who incorporated the affect the classroom in the fundamentals of Vygotsky regarding the role of emotion in the construction of cultural significance, Piaget on the relationship between intelligence and affection during the different stages of human development in Wallon and finally connected to the affection cognitive development.

Key-words: Afectivity. Relation Teacher/Student. Scholl. Cognition.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Cecília Milagre. **Afetividade e Aprendizagem:** relação professor e aluno. 2006. 46 f. Monografia (Pós- graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional) – Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, Ilha do Governador. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-aluno/44105/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. 237 p. (Coleção na Escola: alternativas teóricas e práticas).

ARCE, Alessandra. **A pedagogia na “era das revoluções”:** uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002. 238 p.

CARVALHO, Eliane Maria Cherulli; CARVALHO, Lílian Cherulli de. A afetividade no entendimento intersubjetivo professor-aluno e a aprendizagem significativa. **Revista Múltipla**, Brasília, v.11, n.21 , p. 133-146, dez. 2005.

Colégio Magno Mágico de Oz. **Cubo das Emoções.** 2010. Disponível em:<http://www.colmagno.com.br/emocoes/sentidos/> .Acesso em 12 out. 2010.

Colégio Marista **Iniciação Musical.** 2009. Paraná. Disponível em: <http://colegiomarista.org.br/joaopauloii/ambiente-de-aprendizagem/educacao-infantil-ao-5-ano-tem-primeiro-contato-com-violinos>. Acesso em: 16 out. 2010.

COLÉGIO MATER DEI. **Pescaria - Ed. Infantil 1.** Disponível em: <http://www.materdeiapucarana.com.br/materdei/noticias_completas.php?id=6396>. Acesso em: 14 out. 2010

Colégio Politec. **Cozinha Experimental.** Abr. 2008. Disponível em: http://www.colegiopolitec.com.br/novo/cursos/educacao_infantil.html. Acesso em 10 out. 2010.

Colégio Rede Sagrado. **Experimentando novos sabores.** 2010. Disponível em http://www.redesagradosul.com.br/exibe_album.php?galb_id=2402&galf_id=51401. Acesso em: 11 out. 2010.

Colégio Santa Teresinha de Jesus. **No mundo da fantasia**. 2010 Disponível em: http://www.cstj.com.br/novosite/sta_poa/eventos.php?tur_codigo=143&ensino=1. Acesso em 15. Out. 2010.

Colégio São Miguel. **Montagem com lego**, 2009. Disponível em: <http://colegiosaomiguel.com.br/60anos/fotos/galeria1/pages/Trabalho%20com%20Lego%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil.html>. Acesso em: 20 out.2010.

COSMIRO, Evilásio. **Educação**: Escola Infantil Topo Gigio, em busca do Prêmio Gestão Escolar. 2010. Disponível em: <<http://acrefeijo.blogspot.com/2010/07/educacao-escola-infantil-topo-gigio-em.html>>. Acesso em: 14 out. 2010.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 170 p.

DANTAS, Heloísa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992, p.85-100.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DIAS, Maria da Graça B. B.; OLIVEIRA, Sâmela Soraya Gomes de; ROAZZI, Antonio. O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, vol.16, n.1, p.1-13, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000100003&lng=e m&nrm =iso>. Acesso em: 8 out. 2010.

Escola Gato Xadrez. **Teatro na Educação Infantil**. 2010. Disponível em: http://www.escolagatoxadrez.com.br/galeria_exibir.asp?ID=70. Acesso em: 14.out. 2010. Acesso em 10 out. 2010.

Escola Passarinhom Dourado. **Brinquedos de faz de conta**. 2010. Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/passarinhodourado/brincando_sala-aula.htm. acesso em 14 out.2010.

GOES, Jonas. **Musica em grupo**. 2009. Disponível em <http://jonasgoes.wordpress.com/2009/11/01/a-musica-na-escola/>. Acesso em: 19 out. 2010.

IMBASCIATI, Antonio. **Afeto e representação**. São Paulo: Editora 34, 1998.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi**: educação e ética. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

LEAL, Telma Ferraz et al. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: MOURA (Org.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.111-132.

MORENO, M.; SASTRE G.; LEAL, A.; BUSQUETS, M. D. Falemos de Sentimentos: A afetividade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 2003.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Revista Educação**, Porto Alegre, Ano 29, n. 1, p. 123-133, jan./abr. 2006.

MOURA, Lucilene Tolentino. **A relação da afetividade com a inteligência**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=747>>. Acesso em: 14 out. 2010

NOGUEIRA, Monique Andries. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Goiás, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html>. Acesso em: 19 out. 2010.

PERIPÉCIAS DE ALUNOS. **Homenagem aos pestinhas**. Disponível em: <<http://peripeciadealunos.spaceblog.com.br/15/>>. Acesso em: 19 out. 2010

PIAGET, Jean. **Inteligencia y afectividad**. Buenos Aires: Aique, 2001.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. Cognição e afetividade: um primeiro debate sobre o papel do pensar e sentir. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 22/23, p. 71-82, jan./dez. 2005.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SILVA, Rosa Maria Santos. A importância da afetividade na Relação Professor-Aluno. **Revista do Cedu**, Ano 7, n. 11, p.05-08, dez. 1999.

SOUSA, Clarilza Prado (Org.). **Avaliação do Rendimento escolar**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

TREVISAN, Deborah. E se fez a... sombra! **Nova Escola**, São Paulo, Ano XXIII, nº 213 jun. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/ciencias/pratica-pedagogica/se-fez-sombra-426175.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2009.

VASCONCELOS, M. S. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 616-620, maio/ago. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21472.pdf>>. Acesso em 13 out. 2010.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.53-60.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1996.

WALLON, Henri. Ciclo da aprendizagem. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Especial Grandes Pensadores, Outubro 2008. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/educador-integral-423298.shtml?page=3>

ZATORRE, Robert; BLOOD, Anne. **Música tem o mesmo endereço que sexo e comida em nosso cérebro**. Disponível em: <http://www.prometeu.com.br/noticia.asp?cod=215>. Acesso em: 19 out. 2010.